

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

86)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 22, 1838)



UMA EGYPCIA E UM SYRIO.

Os HABITANTES das aldêas do interior do Egypto vivem em grandissima miseria e abjecção. Este paiz, berço de uma civilização primitiva, que attestam os assombrosos monumentos, que ainda hoje chamam os viajantes áquellas paragens, causa lastima pelo desgraçado estado intellectual e domestico da sua moderna população. N'uma terra outrora fértil, onde seus maiores floresceram, o desventuroso egypcio lucha com a fome habitual. Um dos francezes da expedição encarregada de transportar o obelisco de Luqzor [de que démos noticia e estampa a pag. 202 do 1.^o vol.], conta que fazendo-lhe impressão a madraçaria destes arabes-egypcios, que deixando os campos quasi incultos, preferem a penuria ociosa á laboriosa abastança, communicára as suas reflexões a um delles, o qual lhe déra em resposta — “E que quereis vós que façamos?.. Bem sabemos que a nossa vida seria menos miseravel, se cultivassemos as nossas planicies férteis, e podessemos aproveitar-nos dos fructos do trabalho; mas, ainda que estes campos estivessem cubertos de copiosas seáras, nem por isso deixariamos de morrer á fome. O bachá mandaria seus agentes a espoliar-nos das nossas colheitas, que pagaria se quizesse, obrigando-nos depois a comprar-lhe os generos por preços muito acima do seu valor e das nossas poses. Eis-aqui porque não se nos dá de passar nossos infelizes dias em abandono e ociosidade; assim, ao menos, as fadigas não exacerbam a nossa miseria.” O raciocinio do arabe pareceu exacto ao viajante, que o deixou, lastimando-se da sorte d'um povo a quem a tyrannia do governo condemna á prigiça. Além destes males, o flagello da peste, o ardente camsin ou simun [vid. sobre este furacão a pag. 237 deste vol.] atormentam e disimam os miseros egypcios, a quem os turcos, com extorsões continuadas, não deixam um momento de folga. Sobretudo, em occasiões de recrutamento, é violentissimo o despotismo dos agentes do governo; sem mais preliminares lançam mão de todos os desgraçados arabes, que hoje formam a maxima parte da população do Egypto sertanejo,

que estão aptos para o serviço militar, e os conduzem como bestas de carga.

Comtudo n'uma gente tão opprimida ainda se revelam as inclinações, e se notam as feições caracteristicas dos arabes livres, que passam uma vida nómada vagueando nos desertos: e isto se observa principalmente naquelles que se dão ao cultivo das terras, e á guarda dos rebanhos. Os trajos destes camponeses ou *fellahs* consistem n'uma especie de opa de laã mui grossa, e um barrete de algodão azul; os mais abastados usam do vestido de algodão azul, e de um turbante branco, ou verde, ou encarnado. O vestuario das mulheres é um grande pedaço de panno grosso de laã preta, quasi sem talho ou feittio, em que se embrulham e que ageitam á roda do corpo, algumas teem uma capa igualmente informe e grosseira, e usam os cabellos entrançados pendentés pela cara abaixo; estes ornatos, as sandalias que algumas trazem, uma especie de veu das mais ricas, variam muito, e são as suas unicas modas.

As mulheres da raça arabe, que habita em varios pontos da Syria, pertencendo a um povo mais feliz, e infinitamente mais abundante, trajam com mais esplendor: são geralmente formosas, e d'uma belleza que só conhece quem andou por aquellas regiões; o seu vestuario commum são umas calças brancas, e por cima uma comprida toga de panno azul aberta sobre o seio: os seus principaes enfeites são collares de piastras [moedas de prata] que trazem ao pescoço pendentés até á cinta e por detraz dos hombros. Além disto as casadas usam d'um adorno singular; e vem a ser uma especie de corno de prata de obra de palmo e meio de comprido, que seguram nas tranças dos cabellos, e deixam cair sobre a testa e rosto um pouco obliquamente. Esta peça esculpida e lavrada prende na ponta um veu de caça que serve para ás vezes cobrir o rosto: nunca a largam senão para dormirem. Um uso tão extravagante, cuja origem só pôde derivar das aberrações do espirito humano, as desfigura, e faz pesados todos os movimentos da cabeça

e do pescoço. Este enfeite é da moda n'algumas aldeas do sertão, onde La Martine o viu, na villa de Hamana.

Descrever as variedades de usos, de trajos, e de caracteres, e tambem as differenças de creença dos povos de raças diversas, que habitam estas regiões do Levante seria largo assumpto, e para muitas paginas: só os habitadores do Libano, Druzos, Maronitas, Ansariés, e outros, sem fallar nos moradores das cidades capitães, e populosas, e nas tribus errantes dos desertos, nos encheriam vastissimo campo. Comtudo a nossa estampa dará uma idéa da maneira de trajar dos syrios. Os curiosos de saberem os costumes e modos orientaes podem consultar com fructo as relações que de suas viagens fizeram Laborde, La Martine, Hogg, e outros modernos escriptores.

INDUSTRIA.

PEDRA ASPHALTICA DE SEYSSSEL.

O BETUME, conhecido por este nome, ha muitos annos que se achou em França, e foi applicado a diferentes obras, com extraordinario proveito: o seu uso se derramou por toda a Europa ultimamente. A sociedade que se formou para a exploração deste betume, viu successivamente subirem as suas acções, cada uma do valor de 1000 francos ao de 9000: augmento em verdade espantoso, e que por si só basta para provar quanto proveito se tem tirado deste novo producto industrial.

Ha tempos que em Hespanha se achou certo betume, a que naquelle paiz se dá o nome de *betume de pedra*; pelo que podemos ver de uma noticia que encontrámos a este respeito, estamos inclinados a crer que é a mesma casta de cimento que faz o objecto deste artigo. Esse betume, segundo a descripção que delle vimos, tem pouco mais ou menos as applicações do betume, ou pedra asphaltica de Seyssel. Tres individuos da Sociedade Economica de Burgos encontraram em um valle visinho á cidade os materiaes necessarios para o fabricar, e o seu uso se difundiu pela Hespanha. Já naquelle paiz se cobrem com elle terrados, e se usa em vez de estuque para cubrir columnas e paredes, que ficam, alem de mais polidas, com uma duração perpetua: serve este betume para rebocar tanques, lagares, canos d'agua, &c., impedindo assim absolutamente o minimo escoamento do liquido nelles contido. Todas estas applicações do betume hespanhol pertencem ao numero das que se fazem do betume de Seyssel.

A companhia franceza, que tomou á sua conta explorar as minas deste betume, enviou, segundo nos consta, ao nosso paiz uma pessoa entendida na materia, para haver de introduzir nelle este utilissimo invento, e para fazer com que em Portugal se explorem as minas de pedra asphaltica, que nelle se possam vir a encontrar. Sendo a utilidade da referida empreza cousa geralmente assentada, visto que não só a França, mas tambem a Belgica, a Inglaterra, a Hollanda, a Russia, e varios estados da America tem concedido privilegio exclusivo a esta companhia; julgámos de nossa obrigação o dar aqui algumas noticias a respeito de um invento, que, em um paiz como o nosso, onde a conservação das aguas no estio é de tanta importancia, deve produzir optimos resultados.

Offerecem as entranhas da terra tres especies principaes de betume; a naphtha ou petróleo, de que fizemos menção a pag. 232 do 1.^o volume: o betume conhecido pelo nome de *Judéa karabé de Sodoma*, que desde remotissimos tempos se apanha nas margens do

lago Asphaltico ou Mar-Morto, e de que os antigos egypcios se serviam para embalsamar os cadaveres: e em fim o *Malthe*, pez, ou alcatrão mineral, de que estão impregnadas certas pedras calcareas, denominadas *grés*, e *calcareas betuminosas*.

É de uma casta destas pedras calcareas, que se extrahе o betume, que fórma o cimento denominado em França pedra asphaltica de Seyssel.—De um folheto publicado ha pouco por Mr. Boitel, agente da companhia em Portugal, extrahimos a noticia que vamos dando ácerca deste mineral, e do modo porque se encontra nas visinhanças do Rhódano, onde principalmente se explora. Eis o que diz Mr. Boitel.

“A rocha asphaltica, é geralmente inferior ao *grés* molle que lhe fica por cima, e que está tambem penetrado de betume; mas em Pymont, uma massa asphaltica, encerrada entre dois barrancos, surge do meio do *grés* n'um espaço de 300 metros de comprimento, e 300 metros de largura. A grossura média da rocha, é quasi de 8 a 10 metros, e segundo os calculos mais exactos e mais moderados, contém 1.480,000 metros cubicos, equivalentes a muitos milhares de milhares de kilogrammos.”

“O mineral cuja superficie exterior é esbranquiçada, apresenta interiormente, e sobre uma espessura variavel de muitos metros de altura, uma côr pardo-escuro, devida a uma certa quantidade de betume que a tem penetrado: este betume está assaz e muito egualmente espalhado, notam-se comtudo partes mais ou menos carregadas, e outras onde o calcareo é extremamente puro.—A disposição destas ultimas daria a crer que o *Malthe* se ramifica em veias na massa calcarea escondida no *grés*.”

“O calcareo betuminoso não é estratificado, notam-se-lhe fendas, que se cruzam em todos os sentidos, e dividem-se em pedaços de pedra irregulares: explora-se á superficie, e extrahindo-se grandes pedaços de pedra que se reduzem a pó.”

“Quanto ao *grés*, é impregnado de betume, absolutamente da mesma maneira que o calcareo, sómente como é mais poroso, a porção do betume que contém é algumas vezes mais consideravel, e acha-se espalhada por um espaço maior; explora-se por corredores que seguem as sinuosidades das veias mais ricas de betumes.”

“A maneira porque o betume está disposto em grandes nodos, ou em grossos veios no calcareo e no *grés*, indica evidentemente uma posição posterior á formação deste terreno, e é evidente que houve naquelles logares no fim do periodo terciario um volcão de betume analogo aos que conhecemos hoje em outros pontos. As aguas deste volcão quentes, e carregadas de *malthe*, estabeleceram a sua corrente para a parte mais baixa do valle, que occupa hoje o Rhódano, e por consequencia infiltraram com o seu precioso betume todas as rochas porosas que encontravam no curso.”

Preparação.

“O betume de Seyssel compõe-se de dois elementos; a saber:

- 1.^o—O betume denominado *graine* no paiz.
- 2.^o—O calcareo betuminoso que se denomina *asphalto de Seyssel*.”

“O betume não existe puro só por si no solo; impregna uma especie de *grés* muito espalhada naquelles contornos, e conhecida pelo nome de *molasse*. Precisa-se para obter o betume separa-lo do *grés* pela acção da agua e do calor. Quebra-se o *grés* betuminoso, lança-se em fragmentos nas caldeiras de fundição, cheias d'agua a ferver; o betume funde-se, e é então facil tira-lo; quanto ao calcareo betuminoso, li-

mitam-se a pisa-lo, e reduzi-lo a pó, quer separadamente, quer por meio de um novo aparelho, na mesma operação da mistura.”

“A proporção do betume, varia muito: no grés umas vezes esta rocha só contém 9 por 100, outras até 15 e 13 por 100. O calcareo encerra de um modo mais regular quasi 10 por 100.”

“O cimento, compõe-se de 12 a 18 partes de calcareo betuminoso, e de uma parte de betume. Misturam-se estas duas substancias, e fazem-se passar em caldeiras por mui longa cocção. O betume dá ao cimento a ductilidade conveniente ás operações a que se applica. Terminada a operação, derrama-se a materia em fórmulas quadradas, onde se deixa arrefecer, e obtem-se tambem grandes pães, ou laminas, do peso cada uma de 40 a 50 kilogrammos. É sob esta fórma, que o betume de Seyssel sahe para o consumo.”

“O cimento de Seyssel emprega-se raramente só, misturam-no ordinariamente com arêa, e esta materia estranha tem a vantagem de ligar as moléculas. Mistura-se-lhes tambem muitas vezes á superficie cascalho miudo que subtrahê em parte o cimento á influencia dos agentes exteriores, e fórma uma especie de mosaico de mui bello effeito.”

“Para applicar o cimento, derrete-se no mesmo local, mistura-se, se é preciso, com os materiaes sobreditos, derrama-se nas áreas ou pavimentos convenientemente preparados, e depois eguala-se a sua superficie com uma especie de trólha. Arrefecendo, endurece, torna-se n'uma massa solida, que a acção do ar contrahe e consolida, sem a gretar, nem rachar, e que resiste aos maiores calores. Obtem-se tambem por este modo um solo impermeavel dotado de uma certa asperesa que firma o andar. Esta materia apresenta uma impenetrabilidade quasi absoluta, que não deixa repassa-la a humidade. Daqui procede o seu uso tão espalhado, nos lageamentos, passeios, pontes, *boulevards*, pavimentos de sallas, corredores, quartos, tercenas, e mercearias.”

“É igualmente perfeito para a coberta das casas, e edificios, revestimentos dos terrados, e tanques, construcção de aqueductos, abobadas, adegas, &c. Fazem-se além disso calçadas de grande extenção, misturando este cimento com fragmentos pedregosos.”

É evidente a todas as luzes o proveito da introdução e exploração deste excellentê betume. As immensas applicações que se lhe podem dar, a sua extraordinaria duração abonam a frequencia do seu uso nos paizes, onde é conhecido. Mr. Boitel faz nas seguintes palayras a resenha das cousas a que elle pôde ser destinado.

“Independentemente dos differentes usos a que tem sido applicada em França a *pedra asphaltica*, deverá ser sobretudo procurada para a cuberta das casas e edificios publicos mais expostos aos desastres dos terremotos.”

“Applicada sobre os madeiramentos preserva as partes, que cobre, da filtração das aguas, e do caruncho, com menos despesa do que se tem podido alcançar, recorrendo á telha, á lousa, e aos metaes empregados até hoje. A sua duração não tem fim, e a reparação de que pôde necessitar, em consequencia da damnificação inevitavel de todos os edificios, ou por um caso accidental, se faz com muita facilidade e economia.”

“Se o asphalto de Seyssel assim empregado, offerece resultados essenciaes pela celeridade no trabalho, e economia na despesa, tem tambem a grande vantagem de pesar menos nos edificios, e de evitar por isso a despesa d'um madeiramento muito caro.”

“Conseguiu-se obviar aos inconvenientes da inten-

sidade do calor causado pelo reflexo dos raios solares, compondo uma cor branca como de leite coalhado. Mandou-se applicar sobre muitos terrados cubertos com asphalto, uma só camada desta pintura, e apesar de uma abundantissima chuva, que caíu no dia seguinte, ella resistiu perfeitamente.”

“Está demonstrado que depois desta applicação, os terrados, e telhados assim pintados, esquentam-se muito menos do que as alvenarias ordinarias.”

“Basta cada anno uma só camada de pintura cuberta daquelle verniz *au lait caillé* para conseguir este resultado.

“No caso de para as reparações necessitar remover-se, o asphalto levanta-se facilmente, torna-se a derreter, e collocar.”

“Elle preserva dos ratos, e das invasões dos reptis, ou dos bichos, as tercenas, mercearias, e habitações.”

“O asphalto deverá ser procurado para o lageamento dos celleiros e armazens que servem de deposito ao commercio do ultramar. As cidades maritimas e commerciaes são particularmente interessadas em o adoptar a fim d'evitar a acção dos animaes parasitas, que deterioravam os generos, sem que a industria humana podesse, antes desta descoberta, paralisar effezamente a reproducção destes entes mal-fazejos, que medravam sob a influencia da acção da temperatura combinada com a humidade de muitas partes do solo.”

Mas de todas estas applicações nenhuma nos parece teria mais uteis resultados do que a de forrar com uma capa interior deste betume os poços batidos de que demos larga conta no numero 54 deste jornal. Em o nosso arido Alemtejo, e em boa parte da Estremadura, se poderiam fazer amplos depositos de agua de chuva, resguardados da corrupção pelo modo que naquelle logar indicámos, e que serviriam para regar prados, hortas, pomares, e converterem maninhos e desertos em terras cultivadas e povoadas. Oxalá algum rico proprietario o tentasse; que seria este o meio seguro de propagar este aperfeiçoamento; porque o povo accredita mais os seus olhos do que os seus ouvidos.

EPISODIO DA VIDA DOS JUDEUS NA EDADE MEDIA.

QUANDO Ricardo Coração-de-Leão subiu ao throno d'Inglaterra, prohibiu ao som de trompa a todos os judeus que estavam em Londres que não assistissem á sua coroação, que havia de ter logar no dia 3 de Setembro do anno de 1157. Esta providencia, o receio de algum sortilegio lh'a aconselhou provavelmente.

Com tudo como é costume entre orientaes offerecerem presentes a todos os reis no mesmo dia da sua coroação, foram ter ao logar da cerimonia, e obtiveram a permissão de deporem os donativos aos pés de elrei, a quem pediram consentisse em os deixar ficar nas suas terras como tinham feito os outros reis seus predecessores. Era facil de conhecer a raça destes misereros requerentes pelo trajo particular de que usavam, e principalmente pela gorra amarella, que os obrigavam a trazer. Foi um delles espancado por um christão, e caindo logo os cortesãos todos junctos sobre os israelitas os arrastaram para fóra do palacio, e lhes fizeram toda a sorte de ultrajes.

O exemplo foi contagioso. A gentalha de Londres e muitos homens vindos de longe para verem a coroação, pensaram que elrei havia ordenado o extermínio dos judeus, e estes infelizes, sem distincção de serem homens ou mulheres, velhos ou meninos, foram accommettidos com furia. Familias houve que julgaram

salvar-se entrincheirando-se em suas casas, mas tendo-as o povo incendiado, pereceram nas chammas os seus habitadores.

As principaes cidades do reino imitaram as desordens da capital, e o sangue dos judeus correu em rios em quasi todo o reino. Em York, refugiaram-se no castello alguns destes proscriptos, depois de terem visto matar aquelles de seus irmãos que se negavam a receber o baptismo, e alli se defenderam com as forças da desesperação; porém na noite da vespera d'um assalto que estavam para lhes dar, um dos seus rabbinos lhes falou desta maneira: "Varões d'Israel, Deus nos ordena que morramos pela sua lei como outrora morriam os nossos antepassados. Se cairmos nas mãos de nossos inimigos, lentos e crueis serão os nossos supplicios. Rendamos pia e voluntariamente ao nosso creador esta vida que por elle nos foi dada." Quasi todos o aplaudiram. Então lançaram os judeus fogo ao castello, atiraram ás chammas as suas ricas alfaias, joias, e vasos preciosos, e Jocen, o mais rico delles, foi o primeiro que cortou o pescoço a sua mulher. Seguiram-lhe os mais o exemplo, e depois de terem sido mortas desta maneira todas as mulheres, o mesmo Jocen foi tambem o primeiro que se matou, tendo isto por honra: os outros o imitaram, á excepção d'alguns desgraçados a quem faltou o animo, e que tendo sido aprisionados no outro dia pelos sitiadores, acabaram nos mais barbaros supplicios.

Os escriptos de divida que os christãos haviam passado a judeus foram tirados dos sitios onde estes os haviam guardado, e lançados no lume; o que parece provar que nem só o fanatismo guiára os perseguidores, ou ao menos que soubêram conciliar maravilhosamente os interesses pessoas com os da religião.

Ricardo tentou sem fructo mandar proceder contra os culpados. O odio e o desprezo com que as victimas eram olhadas empeceu os effeitos da devassa. Tres christãos sómente foram os condemnados, e ainda esses mesmos, não tanto por causa das crueldades que tinham commettido contra os judeus, como por causa dos damnos que com ellas tinham feito a alguns inglezes.

A horrorosa mortandade de que acabamos de fazer menção não é mais do que um acontecimento muito vulgar da vida dos judeus na idade media. Privado da protecção das leis, e por assim dizer, segregado da humanidade, este povo infeliz vagava por toda a terra sem encontrar um sitio onde pudesse, sem receio, descansar a cabeça. Detestado dos christãos, pagou-lhes odio com odio, e concentrando dentro do breve espaço das paredes domesticas um resto de virtude que ainda conservava, só a avareza deixou á vista de seus contrarios.

FABRICO DOS ALFINETES.

ENTRE essa immensidade de objectos de uso diario alguns ha que exigem o emprego de capitaes quantiosos, e d'um numero de artistas, que não é facil imaginar. Por exemplo um alfinete, que de todos os artefactos talvez seja o que se vende por menos dinheiro, não chega ao estado de poder ser vendido sem passar pelas mãos de mais de vinte e cinco obreiros. Hoje se fabrica esta mercadoria com uma rapidez quasi prodigiosa. As principaes operações são as seguintes:

Os alfinetes, de ordinario, são feitos de arame de latão, que vem do norte da Europa, no estado de ser cortado, e de se lhe fazerem as pontas, &c. Consiste a primeira operação em endireitar muito bem o arame para o poder empregar. Um obreiro diligente en-

direita cada hora 600 toezas de arame: assim que tem endireitado um feixe de perto de vinte e cinco libras, batte com uma prancheta as pontas do arame para as achatar; depois corta com uma tesoura o arame de latão em pedaços de um mesmo comprimento. Cada obreiro póde endireitar e cortar em um dia fio sufficiente para fabricar 240 milheiros de alfinetes.

Os pedaços passam ás mãos de quem lhes faz as pontas. A machina que se emprega nesta operação é uma mó de aço temperado, que é lavrada como uma lima em toda a sua circumferencia; esta lima circular é montada e posta em movimento como as mós dos cutelleiros. Ha duas especies de mós; uma para desbastar, e outra para acabar. Em quanto a mó vai gastando os pedacitos, o obreiro os vai revolvendo entre os dedos para que as pontas dos alfinetes saiam agudas e conicas. Os pedaços passam já com ambas as pontas aguçadas para o artista que os ha-de cortar. Este, munido d'uma tesoura, e servindo-se de uma caixa para regular os comprimentos, corta pedacitos pelo meio, de modo que cada um dá dois alfinetes. Um obreiro pode fazer cada dia as pontas de 180 milheiros de alfinetes.

As cabeças são feitas de latão enrolado á maneira de saca-rolhas, por meio de uma machina composta de uma arvore de ferro polido, que se faz girar com a mão, ou por meio de uma roda e de uma corda; na ponta da arvore ha um fio de latão em que se enrolam as cabeças, d'onde resultam umas rocas em tudo semelhantes ás dos arames dos suspensorios. O artifice corta com uma tesoura duas voltas de cada roca de uma só vez: póde cortar doze mil cabeças de alfinetes por hora.

Para prender as cabeças usam d'um maço. O obreiro tem á roda de si tres escudellas: uma contém as cabeças. Pega n'um tronco, crava-o aonde acontece na escudella das cabeças, e faz com que corram para a extremidade mais grossa do tronco. Podem-se pôr mil e duzentas cabeças d'alfinetes por hora.

Depois dos alfinetes estarem polidos e estanhados, põem-se a seccar, e d'ahi são entregues a mulheres que tem a seu cargo espeta-los nos papeis em que costumam vender. Estes papeis são furados com uma especie de pentem, cujos dentes são de aço; e para furarem ao mesmo tempo muitas voltas de papel, battem em cima do pentem com um martello. Podem-se fazer no mesmo dia cento e quarenta e quatro milheiros de furos, e enche-los com quarenta e oito milheiros de alfinetes.

Como o cobre é quasi a unica materia empregada no fabrico dos alfinetes, o officio de os fazer é pouco acciado, e doentio. Os que fazem as pontas morrem ordinariamente cedo e de molestias de pulmão; e aquelles que resistem aos perigos desta profissão a deixam aos quarenta annos o mais tardar.

MESTRE GIL.

(Chronica do seculo 15.^o)

VIII

DESFEIXO.

JA' na egreja matriz, e no convento de S. Francisco, tinha corrido o sino da oração, e desbarretados, e de joelhos em terra, os habitantes de Setubal resavam devotamente as Ave-Marias do estilo: as chaves soavam nos cadeados com que todas as noites se fechavam as cadéas, lançadas na entrada da rua dos judeus; eram trindades; e da claridade do sol ape-

nas restava uma vermelhidão no occidente. As ruas estavam escuras, e o ruido do tracto diario ia-se desvanecendo no silencio do repouso nocturno, quando á porta do paço chegou um cavalleiro vestido ao modo da cõrte; apeou-se, e entrou. Á luz de uma lampada que pendia da abobada do atrio, e que reverberava seu clarão nos arnezes de varios soldados, que por alli andavam, mestre Gil, que estava em pé á porta do seu aposento, viu que o recém-chegado era o duque de Viseu. Com effeito elle recebera em Palmella o recado d'elrei, e, bem que sua consciencia lhe inspirasse receios ácerca daquelle subito chamamento, todavia viera, por se temer que, desobedecendo, desse a elrei os necessarios meios de o accusar de rebelde, e de o fazer condemnar legalmente.

Quando o duque entrou, Fernão Martins se encaminhou para elle e lhe disse: "Senhor duque, sejaes bem vindo: sua alteza vos aguarda."

"Estando em Palmella, aonde fõra ver minha mãe, tornou o duque, recebi o recado d'elrei, e sem demora me puz a caminho: agora aqui me vedes prompto a cumprir seus mandados."

Dictas estas poucas palavras, os dois subiram acima, indo adiante o duque, e apoz elle o capitão dos ginetes.

Um lanço das casas de Nuno da Cunha, que serviam de paços reaes, quando elrei pousava em Setubal, dava para a praia do mar. Debaixo de um horisonte profundo e escuro, via-se faiscar a ardentia das aguas, e o clarão de algumas sallas, allumiadas pela luz pallida de tochas, batia atravez das vidraças pintadas, e prolongava-se em côres cambiantes e incertas pela extensão do areal, e sobre os brancos rolos de escuma, que vinham deslisar na margem. Ou porque a alma de mestre Gil tivesse alguns laivos de poesia, ou porque, tendo dormido a maior parte do dia antecedente, até elrei chegar, e tambem boa porção daquelle, não sentisse inclinação a ir deitar-se tão cedo, a amenidade da praia erma o attraía: carregandó, pois, o barrete na cabeça, saiu, e encaminhou-se para lá.

Fizera apenas alguns gyros, quando erguendo casualmente os olhos deu com elles na janella do aposento, que servia de guarda-roupa a elrei: as vidraças estavam abertas, e mestre Gil viu dois vultos, que pareciam, por seus meneios, altercar um com outro: excitada a sua curiosidade continuou a olhar: os dois vultos se aproximaram da janella, e continuaram a fallar, cada vez, segundo parecia, com mais vehemencia: um delles, por fim, ergueu o braço, e mestre Gil viu descer, como relampago, o brilho d'um ferro: o outro vulto estendeu os braços como quem buscava apoiar-se: o ferro que estava na mão do primeiro scintillou mais vezes: naquella luta os dois vultos affastaram-se da janella; e d'ahi a pouco, apenas a sombra de um delles batia na parede alvissima do aposento, que ficava fronteira ao balcão, por onde mestre Gil presenciára aquella scena terrivel e mysteriosa!

O barbeiro deu um grito de horror: mas a sua voz não foi ouvida: o suor caía-lhe em bagas da fronte; e tremulo voltou para o paço. Os espingardeiros da guarda passeavam tranquillamente, com seus arcabuzes ao hombro: os soldados de cavallo estavam á porta com as espadas na mão: parecia que nenhuma novidade occorrera.

Apenas, porém, mestre Gil entrou, viu Fernão Martins, descendo de um pulo as escadas, chegar-se aos soldados que estavam a cavallo, e dizer-lhes.

"Ide sem detença: fechae as portas da villa: ninguém deixeis sair, sem ordem escripta d'elrei. — Ginetes da guarda, a cavallo!"

Dentro de alguns credos toda a companhia dos ginetes estava em ordenança em frente do paço: na retaguarda delles se formaram os besteiros e espingardeiros.

Fernão Martins fallou com os anadeis [1] da gente de pé: ninguém ouviu o que lhes disse; mas elles foram correndo as fileiras e tirandó do grosso das companhias alguns troços de soldados, que partiram para diversas bandas: o resto da gente ficou encostada ás armas atraz dos ginetes.

Posto que cheio de horror pela scena que ainda havia pouco presenciára, tão alto bradou a curiosidade ao coração de mestre Gil, que elle não lhe pôde resistir: atravessou o atrio, e saindo do portal, correu ao lóngo do muro por detraz dos soldados enfileirados. Felizmente topou em uma das alas pessoa conhecida. Jayme de Figueiredo era um anadel, amigo velho de mestre Gil, fallador, maldizente, e mamedrião como elle, mas *excellente* homem. Apenas o barbeiro o conheceu pela voz e pelo vulto, foi-se chegando a elle, e bateu-lhe no hombro: voltou-se o anadel com algum despeito; mas este desapareceu apenas viu que era o seu *honrado*, ou *illustre* amigo, o barbeiro da cõrte: "Oh, sois vós senhor Gil; disse elle em tom festivo: bem longe estava de vos esperar aqui: fazia-vos a dormir o somno regalado, que nunca Deus deu a um pobre anadel. Eis a nossa vida! Nem de noite, nem de dia! Se soubesse latim, ou, ao menos, ler e escrever, atirava ao diabo coram esta couraça, e ia-me metter frade: que antes quizer os escarneos dos jograes e truões do paço, do que o servir elrei."

"Tal não digaes, senhor Jayme: — interrompeu o barbeiro, a quem a volubilidade de lingua do anadel começava a impacientar: — por honrados se dariam muitos cavalleiros de grande linhagem se fossem anadeis, como vós, dos espingardeiros da guarda, genero de milicia que, ainda me lembra, e não sou velho, era ainda bem rara em tempo do infante Dom Pedro"

"Sim, mestre, atalhou o anadel, esse que os enredos dos fidalgos conduziram a vergonhosa morte, e cujo sangue cae agora sobre as cabeças dos filhos dos seus assassinos [2]: o duque de Bragança, porventura, subindo ao cadafalso, não fez mais do que pagar uma divida da sua casa: o mesmo irá succedendo aos outros: a justiça de Deus não dorme; e o peor é que por amor della, tambem nós não dormimos."

Como a creança, que, correndo atraz da variegada borboleta, fez dois ou tres zig-zags inuteis, e a veio por fim a colher, pára, e sorri contente, nem mais a larga da mão, sem examinar, lista por lista, cambiante por cambiante, as côres do formoso insecto, assim mestre Gil, vendo apparelhado ensejo de fazer perguntas, talvez indiscretas, ao loquaz anadel, tomou-lhe logo a mão, ouvindo aquellas finaes palavras, e com toda a manhosa simpleza de um barbeiro, e barbeiro cortesão, disse:

"Nunca mais eu torne a ver a minha pobre Brazia [sancta mulher] se vos percebo. Não dormis por causa da justiça de Deus? Que tem Deus com estardes de noite aqui, em ordenança, como cavalgada prestes a dar em aduares de mouros?"

"Cá me entendo! cá me entendo! — tornou o anadel. "Se não fosse o haver-nos Fernão Martins encommendado segredo, dir-vos-hia que muitos fidalgos tambem esta noite não dormirão repousadamente, salvo um que fez a cama na guarda-roupa d'elrei."

Mestre Gil viu que o anadel alludia á cousa que elle mais desejava saber: — o mysterio horrivel que

(1) Os anadeis correspondiam aos modernos capitães de companhia.

(2) Veja-se a pag. 375 deste volume.

presenciára da praia. Conhecia o genio de Jayme de Figueiredo, que para revelar o maior segredo não precisava senão da minima contradicção, ou de ver que desse segredo se fazia pouco cabedal. Foi por este lado que mestre Gil o levou.

— “Historias, historias, senhor anadel! — Bem importa aos fidalgos que vós pouseis ao relento: nos seus fins amaldraques [3] não curam de vossos incommodos. Estava capaz de dizer que tudo isto foi por causa das visões d’elrei, que depois da morte do duque de Bragança sempre anda a sonhar com almas do outro mundo [4]. . . . Mas é tarde; e como eu nem vejo medos, nem sou da guarda d’elrei, recolher-me-hei, que são horas.

— “Alto lá mestre Gil, atalhou o anadel: elrei não teve visões; mas teve um ferro para punir a traição. Sabei tambem que se nós aqui estamos ao relento, nem o soberbo D. Fernando de Menezes, nem o parvo de D. Gotterres, nem os Albuquerque, ou os Attaídes, ou Fernão da Silveira; dormirão mais do que nós. Elrei os mandou prender, e ai delles! Não foi mentira o que se disse na procissão de *corpus*: quizeram matar seu rei: agora morrerão elles. Sabei, emfim, que lá em cima. . . .”

— A voz de Fernão Martins, que fallava com um vulto, saindo da porta do paço, cortou o discurso do anadel, que semelhante a torrente que arromba os diques, e se espraia pelas campinas, ameaçava o curioso mestre Gil de lhe fazer pagar cara a sua curiosidade.

— “Ireis ao castello de Palmella, senhor bispo:” dizia o capitão dos ginetes á personagem, que com elle vinha, e que não era nada menos do que D. Garcia de Menezes. Lá aguardareis as ordens d’elrei. Cavalgae naquella mula que alli está ajaesada. Dez ginetes da ala direita acompanhem o mui nobre senhor D. Garcia até Palmella! Soldados, as vossas cabeças cairão se tiverem orelhas para ouvirem promessas de sua reverencia; as vossas mãos serão decepadas, se as folhas das arvores sentirem, por essa estrada, tinir o seu ouro dentro de vossas manoplas.”

— “Prender um unguido do senhor na camara da rainha! Pôr nelle mãos violentas diante de sua alteza, quando ella tractava comigo de casos de consciencia! — Rei tyranno! — novo Achab! — *Anathema sis.*” Feita esta exclamação, o bispo montou na mula, e rodeado por dez ginetes da guarda, partiu pela estrada de Palmella. Era a ultima viagem que fazia neste mundo: passados alguns dias um pouco de veneno o levou ao sitio para onde todos nós caminhamos, e d’onde ninguem ainda voltou — para o cemiterio.

Depois que partiu a cavalgada, varios troços de bésteiros, espingardeiros e ginetes começaram a chegar. Conheceu distinctamente o barbeiro que entre elles vinham presos D. Fernando de Menezes e D. Gotterres. Acompanhados por Fernão Martins, subiram a cima, e os soldados entraram nas suas respectivas fileiras.

(3) Lençoes.

(4) Conta Garcia de Resende, que depois da morte do duque D. Fernando, estando elrei em Santarem, ouvira uma vez, era alta noite, baterem á porta da camara, onde dormia com a rainha. Perguntou quem era; mas ninguem lhe respondeu. D’ahi a pouco ouviu bater de novo. Ergueu-se então, e tomando uma espada e rodela, abriu a porta, levando na esquerda uma tocha: um vulto estava ali, que começou a andar diante d’elrei: seguiu-o este; e o vulto caminhava sempre, abrindo ante si as portas sem elrei o poder alcançar. Assim foi andando até os *desvãos* ou vãos juncto aos telhados, que eram medonhos e frequentados por cousas más, segundo diz o chronista. Gritou a rainha vendo sair elrei: acudiram damas e cavalleiros, e foram em busca delle: acharam-o a examinar todos os cantos dos *desvãos*: o vulto se tinha sumido. Diga-se em honra de D. João 2.º que, se a consciencia lhe fazia ver phantasmas, era assaz cavalleiro para arrostar com elles. — A Luiz II.º, seu contemporaneo, e por ventura seu modelo, não succederia o mesmo.

Mestre Gil tinha-se retrahido até a porta, sem se despedir do anadel, que entrára no seu posto, logo que ouvira a voz do capitão dos ginetes; e tudo tornava a entrar no mais profundo silencio.

De repente o tropear de um cavallo, que corria á redea solta, se veio aproximando: era um cavalleiro da guarda que chegava: mestre Gil, cujo vulto mal se via ao clarão da alampada, perguntou: “Que novas, cavalleiro?”

O recém-chegado tomou-o por um pagem: “Pagem, ide dizer ao capitão, que D. Pedro de Attaíde vae fugindo, segundo parece, caminho de Santarem, e que Fernão da Silveira não se encontra em casa de João de Pegas: dizei-o só a elle ou a elrei em pessoa.” — Pronunciadas estas palavras partiu a todo o galope.

O mestre ficou enleado. Não sabia como daria o recado de que fôra incumbido: Fernão Martins não estava alli. “Vou dizê-lo a elrei. E por que não? — Que me póde acontecer? — A nova é de grande monta; e isso me parece mais prudente.” — Enchendo-se, emfim, de animo, subiu as escadas. Ao entrar naquellas salas mal alumiadas e desertas, as pernas lhe tremeram um pouco; mas já não havia recuar: chegou ultimamente á quadra, onde os moços da camara estavam immoveis, como estatuas, e em grande silencio. Viram entrar o barbeiro; e um delles o veio receber cortezmente: mestre Gil era respeitado no paço, não só por ser homem bondoso; mas porque Antão de Faria parecia estima-lo muito. O que o viera receber perguntou-lhe em voz baixa: “Que pretepedeis, mestre Gil?”

— “Qué. . . qué. . . ro fall. . . l. . . lar a elrei:” disse mestre Gil, balbuciando.

— “Levarei o vosso recado: tomae emtanto folego; que de cansado parece nem podeis fallar.” — Dizendo e fazendo, o moço da camara entrou. Dentro de curto espaço voltou, e erguendo o panno da porta, pronunciou pausadamente estas palavras: — “Mestre Gil, concede-vos sua alteza a graça de vos escutar.”

Alguns dos pagens, que por alli estavam, e que tinham dado suas risadinhas maliciosas quando ouviram a pretensão do mestre, ficaram espantados de que em tão criticas circumstancias elle fosse com tanta facilidade admittido á presença de elrei, a quem, muitas vezes, em horas mais desassombradas e tranquillias, cavalleiros affamados não alcançavam fallar. Eram pagens!; e os pagens naquelle tempo, por muito creanças, não tinham experiencia do mundo. Não se lembravam de que mestre Gil era o barbeiro de Antão de Faria, e que pelos paços valia mais [já se sabe, naquelles tempos] quem cortava as barbas ao privado, do que quem tinha decepado a cabeça a alguns inimigos da patria.

Mestre Gil cruzou a porta, d’onde lhe fallara o moço da camara: com passos vagarosos e incertos atravessou duas salas, e chegou, emfim, ao aposento onde estava elrei. O barbeiro sentiu curvarem-se-lhe os joelhos: — era aquelle aposento o que servia de guarda-roupa, e onde, havia pouco, se passára a scena mysteriosa, que o mestre observára da praia.

Elrei estava assentado em uma cadeira d’espaldar: aos lados, de pé e descubertos, D. Pedro d’Eça, Diogo d’Azambuja, e Lopo Mendes do Rio. Por detras do espaldar, estava Antão de Faria, como camareiro d’elrei. Perante este, manietados, viu o barbeiro a D. Gotterres, e a D. Fernando de Menezes; mas não enxergou Fernão Martins, que, em pé, e encostado á sua comprida espada, estava a um canto do aposento.

— “Que me quereis, mestre Gil?” — disse elrei ao barbeiro, com um metal de voz adocicado, como o

miar d'um gato, quando quer pilhar a alguém um bocado de pão.

“Senhor; um cavalleiro da guarda dos ginetes me deu um recado para dar a V. A. em pessoa, ou ao capitão Fernão Martins, e como não achei este, vim”

O mestre olhou, neste ponto, para as diversas personagens que alli estavam; e porventura no seu rosto havia tão vivos signaes de temor, que elrei, sorrindo, lhe disse: “Não tendes que temer: fallae desassombradamente: os traidores foram colhidos. *Si Deus pro nobis, quis contra nós (5)?*”

“Disse o cavalleiro — proseguiu mestre Gil — que D. Pedro de Attaíde fugira pela estrada de Santarem”

Os olhos d'elrei chammejaram como os de um tigre pelas trevas da noite: “Que o sigam já, Fernão Martins! — Que o sigam: e cem cruzados de ouro ao primeiro que lhe pozer a mão, ou a ponta da lança!”

Fernão Martins saiu; e os sons amiudados dos seus sapatos de ferro retiniam cada vez mais rapidos e frouxos, atravez das salas lageadas, por onde mestre Gil entrara. Este continuou:

“Fernão da Silveira tambem não apparece em casa de João de Pegas.”

“Lá deve estar, que o sei eu: — atalhou elrei, cada vez mais colerico. Antão de Faria, quem salva traidores é traidor como elles. A cabeça de João de Pegas seja fiadora da de Fernão da Silveira.”

E Antão de Faria saiu a dar ordens, e voltou immediatamente.

D. Fernando de Menezes estava com ar altivo; D. Gotterres, pelo contrario, parecia entregue á mais viva afflicção; e mestre Gil, perto delles, com a boca meia aberta, e os olhos espantados, poderia passar tambem por um dos criminosos, se não tivesse os pulsos livres de cadeias.

“Cavalleiros reveis — disse elrei aos dois presos, com voz terrivel, apontando para um vulto que jazia no meio da casa, um pouco para o lado da janella — vosso cabeça ahi jaz. Descubri-o, Antão de Faria. Que por elle entendam a sorte que os aguarda.”

O camareiro ergueu o panno, e amostrou um cadaver: tinha os olhos abertos e envidraçados: dos cantos da boca, onde lhe alvejavam os dentes cerrados, lhe desciam para as faces dois fios de sangue coalhado. No pescoço, e no peito, se lhe viam largas feridas, e sobre uma, que parecia lhe atravessava o coração, tinha apertada a mão direita, como quem buscára no ultimo arranco sustar a vida que por alli lhe fugia. — Era o morto o duque de Vizeu! —

“Foi assassinado! — exclamou D. Fernando de Menezes com indizível desesperação.

“Antes que eu o fosse, dom traidor:” atalhou elrei, com uma voz de trovão.

“Assassino! — replicou D. Fernando: Assassino cobarde! — tiraste a vida ao duque de Bragança, sem prova, mas com juizes; a este sem uma, nem outra cousa. Daquelle foste o aguazil; deste o algoz. Só te faltam D. Manuel e o proprio filho, para que o teu querido D. Jorge, o teu bastardo, o filho de D. Anna de Mendonça, suba ao throno! — Sabe, porém, que quem derrama o sangue dos seus é, como Caim, amaldiçoado de Deus e dos homens.” — Dizendo isto, o cavalleiro deu alguns passos, ajoelhou, e beijou a mão do cadaver.

“Ao carcere!” gritou elrei. “E que amanhã seja justigado na praça de Setubal.”

“Mata-me tu, homem vil; que eu morrerrei con-

tente onde o duque meu senhor acabou: por ti o miser d'algoz ficará ainda mais deshonorado do que é.”

Elrei soltou uma risada tremula e infernal.

“Perdão, senhor — exclamou D. Gotterres, arrojando-se aos pés de D. João — que não fui tão culpado!”

“Indigno! — replicou elrei — Foste valente de lingua antes do perigo: nelle, és fraco de coração. No castello de Aviz aguardarás tua sorte. Ah, senhores fidalgos — continuou elle, dando segunda risada — eu vos era pesado neste mundo: veremos se a terra vos é mais leve! — Que se faça quanto antes o processo a D. Alvaro de Attaíde e a Pero de Alboquerque. Estes, levae-os daqui; e que venham essas andas.”

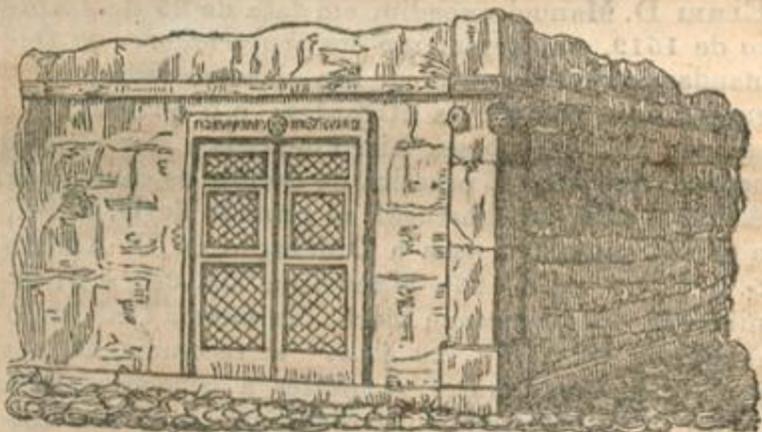
Os tres cavalleiros, que estavam ao lado delrei saíram com os presos, e passado um momento, quatro bésteiros entraram com umas andas. Elrei lhes aceitou que pozessem dentro dellas o cadaver do duque, e disse:

“A' egreja matriz! — onde, sobre um cadafalso, esteja amanhã exposto aos olhos de todos, para que nelle se veja que sei castigar os crimes.”

“Oh! — continuou elrei, virando-se para o barbeiro; — vós, senhor mestre, que fazeis ainda aqui?”

Estava tão horrorizado mestre Gil, que julgava ter os membros interçados; mas estas palavras d'elrei [nunca elle soube bem como] o pozeram á porta do seu alvergue, onde toda a noite lhe parecia ver taes visões, que só pela madrugada se atreveu a apagar a luz.

Na manhã seguinte, a horas de missa, o povo que foi á matriz viu no meio da egreja, sobre um cadafalso, o cadaver do duque de Vizeu, senhor de Béja, oitavo condestavel do reino, irmão da rainha, e primo delrei, com o rosto descuberto, e dez feridas mortaes. — E ninguem se atreveu a fazer-lhe sequer uma aspersão de agua benta! Fôra elrei quem o assassinára!



SIDEVS PRO NOBIS QVIS COTRANOS



MONUMENTO DA TENTATIVA DOS FIDALGOS CONTRA A VIDA DE D. JOÃO 2.^o

Tambem lá esteve mestre Gil: — depois de ouvir missa saiu da egreja, e chegando á rua da Annunciada viu que no sitio onde os fidalgos tinham dei-

(5) *Si Deus é por nos, quem prevalecerá contra nós?*

xado cair os bastões, na procissão de corpus, estava mudada a verga de uma porta: era perto daquella, onde elle assistira á solemnidade. A nova verga tinha no meio uma cabeça esculpida, com uma lenda em latim, e na quina da mesma casa tinha sido removida de fresco uma pedra, e substituída por outra, em que avultavam tres cabeças: — os que passavam paravam para ver aquella novidade; porque na vespera á tarde ainda nada alli havia. Um clérigo, que chegára, lia casualmente a lenda em voz alta, quando o barbeiro se aproximou:

Si Deus pro nobis, quis contra nós?

A mestre Gil pareceu ser isto o mesmo que ouvira a clrei na noite antecedente. Afastou-se dalli com passos vagarosos, e rosnando com os seus botões:

“ Bem dizia eu ha tres annos, em Evora, na minha loja, que a Antão de Faria não caíam as cousas em sacco roto, e que o futuro mostraria muitas cousas.”

O monumento que mestre Gil viu, ainda hoje quem quizer o pôde ver em Setubal, e ouvir ácerca delle as tradições populares.

DERRAMAR a instrucção pelas classes do povo é uma obrigação de todos os governos que não são destruidores. Na Austria está adoptado um expediente util ao mesmo tempo á illustração, moral, e interesses materiaes do povo. Em todas as aldéas tem o governo mestres a quem paga: e nenhum individuo pôde casar sem saber ler, escrever, e contar. Nenhum mestre de officio pôde tomar aprendiz, ou official, que não saiba estes primeiros rudimentos, sob pena de uma pesada multa.

ANTIGUIDADE DOS ARBITROS NAS DEMANDAS EM PORTUGAL.

ELREI D. Manuel expediu, em data de 25 de Janeiro de 1519, um Regimento dos *Concertadores* de Demandas, que mandou crear nas cidades, villas, e logares, para compôr os litigantes; e o qual se acha lançado a f. 313 do seu Livro de Leis e Regimentos no Real Archivo. A practica de decidir as causas por Arbitros sóbe em Portugal ao reinado de D. Diniz, e passou como Lei para a Ordenação de D. Affonso 5.^o, L.^o 3 Tit.^o 113; Manuelina Tit. 81; e Filipina Tit. 16 do mesmo Livro. Na mesma Ordenação Affonsina L.^o 3 Tit. 20 §. 5.^o se recommenda aos juizes procurem trazer as partes a concordia para evitar os litigios; cuja disposição passou para a Manuelina Tit. 15 §. 1.^o, e Filipina Tit. 20 §. 1.^o do mesmo Livro.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Dezembro 16.

- 1516 — Fallece na barra de Goa o illustre capitão Affonso d'Albuquerque.
1653 — Cromwel é aclamado protector d'Inglaterra.
1815 — É elevado o Brazil á cathogoria de reino.

17

- 1655 — Fallece em Evora Manuel Severim de Faria, escriptor abalisado: delle são as *Noticias de Portugal*, os *Discursos varios politicos* e outras obras.
1734 — Nascimento da rainha D. Maria 1.^a

18

- 1616 — Batalha memoravel na ilha de Ceilão, em que um pequeno troço de portuguezes, capitaneado por Manuel Cesar, derrotou o exercito do Nicapete composto de 24:000 homens.

19

- 1637 — Morre em Fisa o celebre Estevam Rodrigues de Castro, natural de Lisboa, professor na universidade de Pisa, Physico-mór do grão-duque de Florença, e auctor de um grande numero de obras sobre medicina.

20

- 1741 — Morte do beneditino Montfaucon, o mais affamado antiquario do seu tempo, auctor de obras eruditissimas, taes como a *Antiquidade revelada*, obra que parece impossivel fizesse um só homem, e os *Monumentos da Monarchia Franceza*.

21

- 1548 — Derrota D. João de Castro o numeroso exercito do Idalcão que infestava as cercanias de Goa.

- 1636 — Com 120 portuguezes, vence Antonio Galvão o rei de Tidor, conjurado com mais oito reis contra nós, ficando este morto.

22

- 1522 — Os turcos, capitaneados por Solimão, tomam aos cavalleiros de S. João a ilha de Rhodes.
1551 — O príncipe de Chembe com um exercito de 30:000 homens é derrotado por 4:000 portuguezes commandados pelo vice-rei D. Affonso de Noronha.

 Os S.^{res} *Socios, ou Assignantes*, que mudarem de residencia neste semestre, terão a bondade de dar parte das suas novas moradas, antes do fim do presente anno, no Escriptorio da Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega do Jornal.

 Os S.^{res} *Subscriptores*, cujas assignaturas findam com o presente anno, no caso de as renovarem, são convidados a faze-lo pela maneira seguinte. —

Assignatura annual, por 52 N.^{os} 1:200 r.^s
D.^a de semestre, . . . por 26 d.^{os} 640 "

Estes preços regulam para os S.^{res} *Assignantes de Lisboa, e Porto*; e para os das provincias do reino que recebem pelo correio, porte á sua custa.

Previne-se que d'ora em diante se não tomarão assignaturas com capa para Lisboa e reino.

No Escriptorio da Sociedade se acharão á venda as collecções do Jornal, completas até ao fim deste anno.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.